

Jordan Hatmaker: a historia de uma sobrevivente de acidente de paraquedismo

Jordan Hatmaker soube que algo estava errado assim que tentou abrir {k0} para-quedas. "Você está suposto verificar: está lá? É quadrado? E é estável?" ela diz.

Nada disso estava certo.

Este foi o segundo pulo do dia que ela e seu treinador de para-quedismo haviam saltado de uma aeronave a 13.500 pés acima dos campos e terrenos da Virgínia, {k0} Suffolk. Hatmaker tinha 35 anos, uma para-quedista experiente, apenas dez saltos de distância de garantir {k0} licença de para-quedismo.

"Quando você está girando enquanto é puxado para o solo, é difícil saber exatamente o que está acontecendo. Eu estava {k0} meu próprio mundo. Tudo o que estava pensando era como sair da situação. Eu me senti estranhamente calma.

"Eu me lembro de ver o solo se aproximando muito rápido e pensei comigo mesma: 'Isso vai fazer mal.'"

H atmaker sempre foi uma procuradora de emoções. "Eu sempre amei montanhas-russas, zip-lining, saltar de penhascos {k0} água, subir montanhas - tudo isso", ela diz. Remarkably, ela nunca havia se machucado sequer antes daquele dia {k0} novembro de 2024. "Eu nunca me preocupei com a segurança; eu sempre supus que tudo estaria bem."

Após se formar no colégio, ela começou a trabalhar para um contratante de defesa, vendendo equipamentos para o exército. Ela fez seu primeiro pulo de para-quedismo com um salto tandem {k0} 2024 e imediatamente se apaixonou pelo esporte. "É um sonho há muito tempo voar - se alguém perguntasse a mim o que animal gostaria de ser, eu sempre diria um pássaro. Ser capaz de enfrentar algo tão arriscado me deu um grande senso de confiança e orgulho."

Amigos encorajaram-na a obter {k0} licença. "Isso permite que você salte sozinho, o que é muito menos caro, e você pode pular {k0} qualquer zona de queda {k0} todo o mundo. É cerca de R\$5.000 (£3.900) obter {k0} licença - e R\$3.000-5.000 comprar seu próprio equipamento - então é muito dinheiro. Mas uma vez que você tem isso, é R\$25 por salto."

Sua outra paixão é o resgate de cães, e na data do acidente, seu irmão veio junto para assisti-la a pular. "Quando ele chegou, ele disse para mim não pular porque ele achou que as vibrações estavam erradas. Eu achei que ele estava sendo ridículo." Cães não eram permitidos no hangar, então seu irmão teve que sair.

No solo, ela foi designada para um treinador com quem ela nunca havia pulado antes, mas isso não era incomum; havia muitos treinadores e para-quedistas saltariam com quem estivesse disponível. Eles passaram por "drills" - exercícios ou movimentos que eles visariam replicar durante a queda livre - depois embarcaram no avião.

O primeiro salto ocorreu sem problemas e, à medida que ascendiam pela segunda vez, Hatmaker não teve hesitação.

Ela e seu treinador pularam separadamente, como planejado, e começaram a passar por drills que haviam praticado no solo. Estava indo bem.

"Nós havíamos planejado igualar nossos níveis - então se ela flutuasse, eu deveria flutuar - e tudo estava bom." Eles continuaram {k0} queda livre por cerca de um minuto, depois se afastaram um do outro, para que pudessem ativar suas para-quedas sem risco de se enredarem juntos.

Ela e seu treinador concordaram **{k0}** se soltar a 4.000 pés; à medida que **{k0}** formação avançava, ela era capaz de implantar **{k0}** para-queda a altitudes cada vez mais baixas, e este foi o mais baixo que ela já havia ido.

Hatmaker ativou **{k0}** para-queda auxiliar - uma para-queda pequena preliminar - e imediatamente soube que algo estava errado. A força da inflação é projetada para acionar o lançamento da vela principal, mas **{k0}** vez disso, a para-queda auxiliar ficou enrolada **{k0} {k0}** perna **{k0}** uma falha conhecida como "horseshoe".

Ela tentou desembaraçar **{k0}** perna, mas estava girando e caindo a cerca de 70 mph. "Pensei, 'OK, vou remover o meu sapato' - mas não consegui porque eu havia duplamente-nó [os lacinhos]. Um sapato havia caído durante um pulo anterior e não queria que acontecesse novamente."

'Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou'

Se uma para-queda não se implantar corretamente, a para-queda de reserva é acionada automaticamente. "Eu senti que me puxava para cima e obtive o controle por alguns segundos", diz Hatmaker. Havia uma pista pavimentada abaixo que ela desesperadamente queria evitar, e durante este breve momento de estabilidade, ela se orientou **{k0}** direção à grama.

Em seguida, sentiu outro choque - **{k0}** para-queda principal finalmente "se soltou" de **{k0}** bolsa e inflou. Com a retrospectiva, ela diz que pode ter feito um "grande erro" aqui: ela não cortou a para-queda principal, o que teria desconectado-a do arnês (embora seja possível que ainda estivesse presa à **{k0}** perna de qualquer forma). Com ambas as para-quedas implantadas, houve uma falha secundária, algo que Hatmaker nunca havia ouvido falar antes, conhecido como "down plane". As para-quedas puxam-se para longe uma da outra **{k0}** direções opostas, linearizando o fluxo de ar, acelerando o descida do para-quedista **{k0}** vez de desacelerá-la.

Apesar de Hatmaker girar **{k0}** direção ao solo, ela diz que a ideia de que ela poderia morrer nunca cruzou **{k0}** mente. No máximo, ela pensou que poderia quebrar uma perna - ameaçando seus planos de escalar até o Campo Base do Everest três dias depois, um objetivo que havia sido um alvo dela por alguns anos.

Em segundos, ela fez um pouso forçado "um campo de futebol de distância de onde deveria ter estado".

A pos-pouso, Hatmaker ficou sozinha no chão. Ela se lembra do grama **{k0} {k0}** boca enquanto ela orava **{k0}** voz alta e gritava por ajuda. Seu quadril estava queimando e ela pensou que estava quebrado. Mas uma realidade maior começou a surgir. "Eu tentei me levantar e não consegui me mover abaixo da cintura. Pensei, 'Oh meu Deus, estou paralisada?'"

Demorou apenas alguns minutos para que alguns dos outros para-quedistas e o gerente da zona de queda a alcançassem, embora parecesse mais tempo. Eles estavam **{k0}** pânico enquanto ligavam para a ambulância.

"Eu estava no meio de lugar nenhum, então leva um bom tempo para uma ambulância chegar. Sentiu-se como para sempre. Os paramédicos cortaram minha roupa protetora e tentaram colocar-me **{k0}** uma prancha de transporte, mas foi o mais doloroso que você poderia sentir **{k0}** toda a **{k0}** vida." Quando um helicóptero do serviço médico de emergência chegou, ela não percebeu imediatamente que era para ela. "Pensei, 'Huh, isso é um helicóptero' - então pensei, 'Hum, isso deve ser para mim!'"

Demorou cerca de 10 minutos para chegar ao Hospital Geral de Norfolk, na Virgínia, onde seu irmão e seu namorado de quatro meses foram os primeiros a encontrá-la.

Hatmaker estava fortemente sedada quando chegou, e após cinco dias no ICU foi transferida para o andar intermediário de traumatologia. Amigos começaram a visitar. "Vendo suas reações - muitos deles choraram - pensei, 'Oh, wow, isso deve ser ruim.'" Quando **{k0}** mãe voou do Seattle, Hatmaker começou a perceber a gravidade da situação. Ela sabia que havia quebrado a **{k0}** coluna, mas apenas três semanas depois de **{k0}** estadia no hospital que ela percebeu a extensão total de suas lesões. Ela havia partido várias vértebras, uma das quais também havia

esmagado {k0} medula espinhal. Não foi até que ela estivesse no teatro de operações que os cirurgiões descobriram que ela estava vazando líquido cerebro-espinhal, o que pode causar complicações, incluindo meningite. Além disso, ela havia atingido o solo com a {k0} perna esquerda primeiro, causando {k0} tibia para se quebrar perto do tornozelo.

Pouco depois de chegar no hospital, ela teve cirurgia extensa na coluna, seguida por duas cirurgias {k0} {k0} perna. "Eu estava {k0} oxigênio por um longo tempo e eu tinha um coldre na minha coluna por meses e meses", ela diz. "Em um ponto, eu tinha barras de metal através da minha perna e tornozelo e pé."

Na escala de lesão da medula espinhal da Associação Americana de Lesões da Medula Espinal - que vai de A a E, onde A significa paralisia completa - ela foi classificada {k0} B. "Os médicos não sabiam o que a extensão da minha mobilidade seria. Eles não gostam de criar expectativas. Mas disseram que era um bom sinal que eu podia me mover os dedos do pé depois da cirurgia."

Onze anos antes, ela havia tido implantes mamários - e um deles "estourou" como resultado do acidente. "Eu não tinha ideia", diz Hatmaker. "Um cirurgião plástico veio me visitar [no hospital] e eu apenas o olhei como: 'Isso é o menos das minhas preocupações no momento.'"

T nem há imagens do acidente de Hatmaker. Às vezes os treinadores vestem uma câmera de cabeça para filmar a pessoa com quem estão pulando, mas Hatmaker mais tarde descobriu que seu treinador não era experiente o suficiente para usar uma. "Você tem que ter feito um certo número de saltos porque é um pouco mais perigoso - coisas podem ficar presas nele", ela diz.

Ela se arrepende de {k0} reação inicial no local do acidente. "Quando os paramédicos de voo chegaram perto de mim, disse: 'Se eu for paralisado, apenas me mata.'" Isso não é como ela se sente agora. "Eu conheci muitas pessoas desde então que são paralisadas e têm vidas incríveis e realizadoras. Mas na época, eu pensei, 'Não quero continuar se isso vai ser minha vida.'"

Acidentes de para-quedismo são raros e não sempre resultam {k0} lesões. De acordo com a Associação Americana de Para-quedismo, houve um corte-para fora (indicando uma falha) por 749 saltos {k0} 2024; no ano passado, houve apenas 10 fatalidades de para-quedismo civis nos EUA, o que equivale a 0,27 mortes por 100.000 saltos.

Hatmaker havia experimentado apenas um desdobramento menos que perfeito anteriormente, quando {k0} para-queda principal havia girado, mas ela sabia como corrigi-lo, realizando batidas de bicicleta no ar.

Esta vez, o problema foi mais complicado.

Todo o tempo {k0} que Hatmaker estava no hospital, ela permaneceu otimista de forma desafiadora. Ela diz que muitos dos que a visitaram estavam incrédulos com o quanto ela estava fazendo bem - tanto física quanto mentalmente.

"Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou", ela diz. Sua disposição ensolarada permanece inquebrada, e muitas das {img}s de seu tempo no hospital mostram-na sorrindo amplamente.

Ela simplesmente se recusou a acreditar que suas lesões poderiam ser alterações de vida. "Eu disse a mim mesma - e eu disse a todos os outros - desde o início que estaria de volta à ação {k0} alguns meses."

Ela também credita {k0} fé com a incentivá-la a seguir {k0} frente depois do acidente e {k0} crença de que Deus lhe deu outra chance na vida. "Acho que Deus me manteve aqui por um propósito ... minha obra aqui na Terra ainda não estava completa. Durante tempos difíceis na recuperação, me apoiei nessa noção e isso me encorajou a continuar." Ela ainda não se arrepende de ter feito o pulo. No mínimo, ela diz, se tivesse ficado paralisada, teria sabido que havia "vivido a vida ao máximo".

Ela permaneceu deitada {k0} {k0} cama do hospital por um mês - menos tempo do que o esperado - e todos os dias ela conseguiu se mover um pouco mais os pés. Ela passou o tempo ouvindo podcasts de crimes verdadeiros, assistindo TV e conversando com suas enfermeiras.

Amigos e família continuaram a visitar, mas também muitos profissionais de saúde vieram ver

esta rara paciente que sobreviveu a um acidente de para-quedismo. "Eu era como um zoológico!" ela diz. Eventualmente, as enfermeiras tiveram que colocar um sinal pedindo que ela não fosse perturbada.

Hatmaker foi alta para a casa do namorado, cerca de 20 minutos de distância de {k0} própria. "Ele havia preparado um quarto para mim no porão e cuidou de mim por meses", ela diz. Ainda não tinha muito controle sobre suas pernas, mas dentro de apenas algumas semanas ela conseguiu usar um andador, depois uma cadeira de rodas.

Um time de cuidados domiciliares veio visitar e ela começou a fisioterapia. Ver-se se mover progressivamente a encorajou a acreditar que "tudo estava indo bem". Em apenas três meses após o acidente, ela conseguiu andar sem ajuda.

Partilha de casos

Jordan Hatmaker: a historia de uma sobrevivente de acidente de paraquedismo

Jordan Hatmaker soube que algo estava errado assim que tentou abrir {k0} para-quedas. "Você está suposto verificar: está lá? É quadrado? E é estável?" ela diz.

Nada disso estava certo.

Este foi o segundo pulo do dia que ela e seu treinador de para-quedismo haviam saltado de uma aeronave a 13.500 pés acima dos campos e terrenos da Virgínia, {k0} Suffolk. Hatmaker tinha 35 anos, uma para-quedista experiente, apenas dez saltos de distância de garantir {k0} licença de para-quedismo.

"Quando você está girando enquanto é puxado para o solo, é difícil saber exatamente o que está acontecendo. Eu estava {k0} meu próprio mundo. Tudo o que estava pensando era como sair da situação. Eu me senti estranhamente calma.

"Eu me lembro de ver o solo se aproximando muito rápido e pensei comigo mesma: 'Isso vai fazer mal.'"

Hatmaker sempre foi uma procuradora de emoções. "Eu sempre amei montanhas-russas, zip-lining, saltar de penhascos {k0} água, subir montanhas - tudo isso", ela diz. Remarkably, ela nunca havia se machucado sequer antes daquele dia {k0} novembro de 2024. "Eu nunca me preocupei com a segurança; eu sempre supus que tudo estaria bem."

Após se formar no colégio, ela começou a trabalhar para um contratante de defesa, vendendo equipamentos para o exército. Ela fez seu primeiro pulo de para-quedismo com um salto tandem {k0} 2024 e imediatamente se apaixonou pelo esporte. "É um sonho há muito tempo voar - se alguém perguntasse a mim o que animal gostaria de ser, eu sempre diria um pássaro. Ser capaz de enfrentar algo tão arriscado me deu um grande senso de confiança e orgulho."

Amigos encorajaram-na a obter {k0} licença. "Isso permite que você salte sozinho, o que é muito menos caro, e você pode pular {k0} qualquer zona de queda {k0} todo o mundo. É cerca de R\$5.000 (£3.900) obter {k0} licença - e R\$3.000-5.000 comprar seu próprio equipamento - então é muito dinheiro. Mas uma vez que você tem isso, é R\$25 por salto."

Sua outra paixão é o resgate de cães, e na data do acidente, seu irmão veio junto para assisti-la a pular. "Quando ele chegou, ele disse para mim não pular porque ele achou que as vibrações estavam erradas. Eu achei que ele estava sendo ridículo." Cães não eram permitidos no hangar, então seu irmão teve que sair.

No solo, ela foi designada para um treinador com quem ela nunca havia pulado antes, mas isso não era incomum; havia muitos treinadores e para-quedistas saltariam com quem estivesse disponível. Eles passaram por "drills" - exercícios ou movimentos que eles visariam replicar durante a queda livre - depois embarcaram no avião.

O primeiro salto ocorreu sem problemas e, à medida que ascendiam pela segunda vez, Hatmaker não teve hesitação.

Ela e seu treinador pularam separadamente, como planejado, e começaram a passar por drills que haviam praticado no solo. Estava indo bem.

"Nós havíamos planejado igualar nossos níveis - então se ela flutuasse, eu deveria flutuar - e tudo estava bom." Eles continuaram {k0} queda livre por cerca de um minuto, depois se afastaram um do outro, para que pudessem ativar suas para-quedas sem risco de se enredarem juntos.

Ela e seu treinador concordaram {k0} se soltar a 4.000 pés; à medida que {k0} formação avançava, ela era capaz de implantar {k0} para-queda a altitudes cada vez mais baixas, e este foi o mais baixo que ela já havia ido.

Hatmaker ativou {k0} para-queda auxiliar - uma para-queda pequena preliminar - e imediatamente soube que algo estava errado. A força da inflação é projetada para acionar o lançamento da vela principal, mas {k0} vez disso, a para-queda auxiliar ficou enrolada {k0} {k0} perna {k0} uma falha conhecida como "horseshoe".

Ela tentou desembaraçar {k0} perna, mas estava girando e caindo a cerca de 70 mph. "Pensei, 'OK, vou remover o meu sapato' - mas não consegui porque eu havia duplamente-nó [os lacinhos]. Um sapato havia caído durante um pulo anterior e não queria que acontecesse novamente."

'Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou'

Se uma para-queda não se implantar corretamente, a para-queda de reserva é acionada automaticamente. "Eu senti que me puxava para cima e obtive o controle por alguns segundos", diz Hatmaker. Havia uma pista pavimentada abaixo que ela desesperadamente queria evitar, e durante este breve momento de estabilidade, ela se orientou {k0} direção à grama.

Em seguida, sentiu outro choque - {k0} para-queda principal finalmente "se soltou" de {k0} bolsa e inflou. Com a retrospectiva, ela diz que pode ter feito um "grande erro" aqui: ela não cortou a para-queda principal, o que teria desconectado-a do arnês (embora seja possível que ainda estivesse presa à {k0} perna de qualquer forma). Com ambas as para-quedas implantadas, houve uma falha secundária, algo que Hatmaker nunca havia ouvido falar antes, conhecido como "down plane". As para-quedas puxam-se para longe uma da outra {k0} direções opostas, linearizando o fluxo de ar, acelerando o descida do para-quedista {k0} vez de desacelerá-la.

Apesar de Hatmaker girar {k0} direção ao solo, ela diz que a ideia de que ela poderia morrer nunca cruzou {k0} mente. No máximo, ela pensou que poderia quebrar uma perna - ameaçando seus planos de escalar até o Campo Base do Everest três dias depois, um objetivo que havia sido um alvo dela por alguns anos.

Em segundos, ela fez um pouso forçado "um campo de futebol de distância de onde deveria ter estado".

A pos-pouso, Hatmaker ficou sozinha no chão. Ela se lembra do grama {k0} {k0} boca enquanto ela orava {k0} voz alta e gritava por ajuda. Seu quadril estava queimando e ela pensou que estava quebrado. Mas uma realidade maior começou a surgir. "Eu tentei me levantar e não consegui me mover abaixo da cintura. Pensei, 'Oh meu Deus, estou paralisada?'"

Demorou apenas alguns minutos para que alguns dos outros para-quedistas e o gerente da zona de queda a alcançassem, embora parecesse mais tempo. Eles estavam {k0} pânico enquanto ligavam para a ambulância.

"Eu estava no meio de lugar nenhum, então leva um bom tempo para uma ambulância chegar. Sentiu-se como para sempre. Os paramédicos cortaram minha roupa protetora e tentaram colocar-me {k0} uma prancha de transporte, mas foi o mais doloroso que você poderia sentir {k0} toda a {k0} vida." Quando um helicóptero do serviço médico de emergência chegou, ela não percebeu imediatamente que era para ela. "Pensei, 'Huh, isso é um helicóptero' - então pensei, 'Hum, isso deve ser para mim!'"

Demorou cerca de 10 minutos para chegar ao Hospital Geral de Norfolk, na Virgínia, onde seu irmão e seu namorado de quatro meses foram os primeiros a encontrá-la.

Hatmaker estava fortemente sedada quando chegou, e após cinco dias no ICU foi transferida para o andar intermediário de traumatologia. Amigos começaram a visitar. "Vendo suas reações - muitos deles choraram - pensei, 'Oh, wow, isso deve ser ruim.'" Quando {k0} mãe voou do Seattle, Hatmaker começou a perceber a gravidade da situação. Ela sabia que havia quebrado a {k0} coluna, mas apenas três semanas depois de {k0} estadia no hospital que ela percebeu a extensão total de suas lesões. Ela havia partido várias vértebras, uma das quais também havia esmagado {k0} medula espinhal. Não foi até que ela estivesse no teatro de operações que os cirurgiões descobriram que ela estava vazando líquido cerebro-espinhal, o que pode causar complicações, incluindo meningite. Além disso, ela havia atingido o solo com a {k0} perna esquerda primeiro, causando {k0} tibia para se quebrar perto do tornozelo.

Pouco depois de chegar no hospital, ela teve cirurgia extensa na coluna, seguida por duas cirurgias {k0} {k0} perna. "Eu estava {k0} oxigênio por um longo tempo e eu tinha um coldre na minha coluna por meses e meses", ela diz. "Em um ponto, eu tinha barras de metal através da minha perna e tornozelo e pé."

Na escala de lesão da medula espinhal da Associação Americana de Lesões da Medula Espinal - que vai de A a E, onde A significa paralisia completa - ela foi classificada {k0} B. "Os médicos não sabiam o que a extensão da minha mobilidade seria. Eles não gostam de criar expectativas. Mas disseram que era um bom sinal que eu podia me mover os dedos do pé depois da cirurgia."

Onze anos antes, ela havia tido implantes mamários - e um deles "estourou" como resultado do acidente. "Eu não tinha ideia", diz Hatmaker. "Um cirurgião plástico veio me visitar [no hospital] e eu apenas o olhei como: 'Isso é o menos das minhas preocupações no momento.'"

T nem há imagens do acidente de Hatmaker. Às vezes os treinadores vestem uma câmera de cabeça para filmar a pessoa com quem estão pulando, mas Hatmaker mais tarde descobriu que seu treinador não era experiente o suficiente para usar uma. "Você tem que ter feito um certo número de saltos porque é um pouco mais perigoso - coisas podem ficar presas nele", ela diz.

Ela se arrepende de {k0} reação inicial no local do acidente. "Quando os paramédicos de voo chegaram perto de mim, disse: 'Se eu for paralisado, apenas me mata.'" Isso não é como ela se sente agora. "Eu conheci muitas pessoas desde então que são paralisadas e têm vidas incríveis e realizadoras. Mas na época, eu pensei, 'Não quero continuar se isso vai ser minha vida.'"

Acidentes de para-quedismo são raros e não sempre resultam {k0} lesões. De acordo com a Associação Americana de Para-quedismo, houve um corte-para fora (indicando uma falha) por 749 saltos {k0} 2024; no ano passado, houve apenas 10 fatalidades de para-quedismo civis nos EUA, o que equivale a 0,27 mortes por 100.000 saltos.

Hatmaker havia experimentado apenas um desdobramento menos que perfeito anteriormente, quando {k0} para-queda principal havia girado, mas ela sabia como corrigi-lo, realizando batidas de bicicleta no ar.

Esta vez, o problema foi mais complicado.

Todo o tempo {k0} que Hatmaker estava no hospital, ela permaneceu otimista de forma desafiadora. Ela diz que muitos dos que a visitaram estavam incrédulos com o quanto ela estava fazendo bem - tanto física quanto mentalmente.

"Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou", ela diz. Sua disposição ensolarada permanece inquebrada, e muitas das {img}s de seu tempo no hospital mostram-na sorrindo amplamente.

Ela simplesmente se recusou a acreditar que suas lesões poderiam ser alterações de vida. "Eu disse a mim mesma - e eu disse a todos os outros - desde o início que estaria de volta à ação {k0} alguns meses."

Ela também credita {k0} fé com a incentivá-la a seguir {k0} frente depois do acidente e {k0} crença de que Deus lhe deu outra chance na vida. "Acho que Deus me manteve aqui por um

propósito ... minha obra aqui na Terra ainda não estava completa. Durante tempos difíceis na recuperação, me apoiei nessa noção e isso me encorajou a continuar." Ela ainda não se arrepende de ter feito o pulo. No mínimo, ela diz, se tivesse ficado paralisada, teria sabido que havia "vivido a vida ao máximo".

Ela permaneceu deitada {k0} {k0} cama do hospital por um mês - menos tempo do que o esperado - e todos os dias ela conseguiu se mover um pouco mais os pés. Ela passou o tempo ouvindo podcasts de crimes verdadeiros, assistindo TV e conversando com suas enfermeiras. Amigos e família continuaram a visitar, mas também muitos profissionais de saúde vieram ver esta rara paciente que sobreviveu a um acidente de para-quedismo. "Eu era como um zoológico!" ela diz. Eventualmente, as enfermeiras tiveram que colocar um sinal pedindo que ela não fosse perturbada.

Hatmaker foi alta para a casa do namorado, cerca de 20 minutos de distância de {k0} própria. "Ele havia preparado um quarto para mim no porão e cuidou de mim por meses", ela diz. Ainda não tinha muito controle sobre suas pernas, mas dentro de apenas algumas semanas ela conseguiu usar um andador, depois uma cadeira de rodas.

Um time de cuidados domiciliares veio visitar e ela começou a fisioterapia. Ver-se se mover progressivamente a encorajou a acreditar que "tudo estava indo bem". Em apenas três meses após o acidente, ela conseguiu andar sem ajuda.

Expanda pontos de conhecimento

Jordan Hatmaker: a história de uma sobrevivente de acidente de paraquedismo

Jordan Hatmaker soube que algo estava errado assim que tentou abrir {k0} para-quedas. "Você está suposto verificar: está lá? É quadrado? E é estável?" ela diz.

Nada disso estava certo.

Este foi o segundo pulo do dia que ela e seu treinador de para-quedismo haviam saltado de uma aeronave a 13.500 pés acima dos campos e terrenos da Virgínia, {k0} Suffolk. Hatmaker tinha 35 anos, uma para-quedista experiente, apenas dez saltos de distância de garantir {k0} licença de para-quedismo.

"Quando você está girando enquanto é puxado para o solo, é difícil saber exatamente o que está acontecendo. Eu estava {k0} meu próprio mundo. Tudo o que estava pensando era como sair da situação. Eu me senti estranhamente calma.

"Eu me lembro de ver o solo se aproximando muito rápido e pensei comigo mesma: 'Isso vai fazer mal.'"

Hatmaker sempre foi uma procuradora de emoções. "Eu sempre amei montanhas-russas, zip-lining, saltar de penhascos {k0} água, subir montanhas - tudo isso", ela diz. Remarkably, ela nunca havia se machucado sequer antes daquele dia {k0} novembro de 2024. "Eu nunca me preocupei com a segurança; eu sempre supus que tudo estaria bem."

Após se formar no colégio, ela começou a trabalhar para um contratante de defesa, vendendo equipamentos para o exército. Ela fez seu primeiro pulo de para-quedismo com um salto tandem {k0} 2024 e imediatamente se apaixonou pelo esporte. "É um sonho há muito tempo voar - se alguém perguntasse a mim o que animal gostaria de ser, eu sempre diria um pássaro. Ser capaz de enfrentar algo tão arriscado me deu um grande senso de confiança e orgulho."

Amigos encorajaram-na a obter {k0} licença. "Isso permite que você salte sozinho, o que é muito menos caro, e você pode pular {k0} qualquer zona de queda {k0} todo o mundo. É cerca de R\$5.000 (£3.900) obter {k0} licença - e R\$3.000-5.000 comprar seu próprio equipamento - então é muito dinheiro. Mas uma vez que você tem isso, é R\$25 por salto."

Sua outra paixão é o resgate de cães, e na data do acidente, seu irmão veio junto para assisti-la a pular. "Quando ele chegou, ele disse para mim não pular porque ele achou que as vibrações estavam erradas. Eu achei que ele estava sendo ridículo." Cães não eram permitidos no hangar, então seu irmão teve que sair.

No solo, ela foi designada para um treinador com quem ela nunca havia pulado antes, mas isso não era incomum; havia muitos treinadores e para-quedistas saltariam com quem estivesse disponível. Eles passaram por "drills" - exercícios ou movimentos que eles visariam replicar durante a queda livre - depois embarcaram no avião.

O primeiro salto ocorreu sem problemas e, à medida que ascendiam pela segunda vez, Hatmaker não teve hesitação.

Ela e seu treinador pularam separadamente, como planejado, e começaram a passar por drills que haviam praticado no solo. Estava indo bem.

"Nós havíamos planejado igualar nossos níveis - então se ela flutuasse, eu deveria flutuar - e tudo estava bom." Eles continuaram {k0} queda livre por cerca de um minuto, depois se afastaram um do outro, para que pudessem ativar suas para-quedas sem risco de se enredarem juntos.

Ela e seu treinador concordaram {k0} se soltar a 4.000 pés; à medida que {k0} formação avançava, ela era capaz de implantar {k0} para-queda a altitudes cada vez mais baixas, e este foi o mais baixo que ela já havia ido.

Hatmaker ativou {k0} para-queda auxiliar - uma para-queda pequena preliminar - e imediatamente soube que algo estava errado. A força da inflação é projetada para acionar o lançamento da vela principal, mas {k0} vez disso, a para-queda auxiliar ficou enrolada {k0} {k0} perna {k0} uma falha conhecida como "horseshoe".

Ela tentou desembaraçar {k0} perna, mas estava girando e caindo a cerca de 70 mph. "Pensei, 'OK, vou remover o meu sapato' - mas não consegui porque eu havia duplamente-nó [os lacinhos]. Um sapato havia caído durante um pulo anterior e não queria que acontecesse novamente."

'Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou'

Se uma para-queda não se implantar corretamente, a para-queda de reserva é acionada automaticamente. "Eu senti que me puxava para cima e obtive o controle por alguns segundos", diz Hatmaker. Havia uma pista pavimentada abaixo que ela desesperadamente queria evitar, e durante este breve momento de estabilidade, ela se orientou {k0} direção à grama.

Em seguida, sentiu outro choque - {k0} para-queda principal finalmente "se soltou" de {k0} bolsa e inflou. Com a retrospectiva, ela diz que pode ter feito um "grande erro" aqui: ela não cortou a para-queda principal, o que teria desconectado-a do arnês (embora seja possível que ainda estivesse presa à {k0} perna de qualquer forma). Com ambas as para-quedas implantadas, houve uma falha secundária, algo que Hatmaker nunca havia ouvido falar antes, conhecido como "down plane". As para-quedas puxam-se para longe uma da outra {k0} direções opostas, linearizando o fluxo de ar, acelerando o descida do para-quedista {k0} vez de desacelerá-la.

Apesar de Hatmaker girar {k0} direção ao solo, ela diz que a ideia de que ela poderia morrer nunca cruzou {k0} mente. No máximo, ela pensou que poderia quebrar uma perna - ameaçando seus planos de escalar até o Campo Base do Everest três dias depois, um objetivo que havia sido um alvo dela por alguns anos.

Em segundos, ela fez um pouso forçado "um campo de futebol de distância de onde deveria ter estado".

A pos-pouso, Hatmaker ficou sozinha no chão. Ela se lembra do grama {k0} {k0} boca enquanto ela orava {k0} voz alta e gritava por ajuda. Seu quadril estava queimando e ela pensou que estava quebrado. Mas uma realidade maior começou a surgir. "Eu tentei me levantar e não consegui me mover abaixo da cintura. Pensei, 'Oh meu Deus, estou paralisada?'"

Demorou apenas alguns minutos para que alguns dos outros para-quedistas e o gerente da zona

de queda a alcançassem, embora parecesse mais tempo. Eles estavam {k0} pânico enquanto ligavam para a ambulância.

"Eu estava no meio de lugar nenhum, então leva um bom tempo para uma ambulância chegar. Sentiu-se como para sempre. Os paramédicos cortaram minha roupa protetora e tentaram colocar-me {k0} uma prancha de transporte, mas foi o mais doloroso que você poderia sentir {k0} toda a {k0} vida." Quando um helicóptero do serviço médico de emergência chegou, ela não percebeu imediatamente que era para ela. "Pensei, 'Huh, isso é um helicóptero' - então pensei, 'Hum, isso deve ser para mim!'"

Demorou cerca de 10 minutos para chegar ao Hospital Geral de Norfolk, na Virgínia, onde seu irmão e seu namorado de quatro meses foram os primeiros a encontrá-la.

Hatmaker estava fortemente sedada quando chegou, e após cinco dias no ICU foi transferida para o andar intermediário de traumatologia. Amigos começaram a visitar. "Vendo suas reações - muitos deles choraram - pensei, 'Oh, wow, isso deve ser ruim.'" Quando {k0} mãe voou do Seattle, Hatmaker começou a perceber a gravidade da situação. Ela sabia que havia quebrado a {k0} coluna, mas apenas três semanas depois de {k0} estadia no hospital que ela percebeu a extensão total de suas lesões. Ela havia partido várias vértebras, uma das quais também havia esmagado {k0} medula espinhal. Não foi até que ela estivesse no teatro de operações que os cirurgiões descobriram que ela estava vazando líquido cerebro-espinhal, o que pode causar complicações, incluindo meningite. Além disso, ela havia atingido o solo com a {k0} perna esquerda primeiro, causando {k0} tibia para se quebrar perto do tornozelo.

Pouco depois de chegar no hospital, ela teve cirurgia extensa na coluna, seguida por duas cirurgias {k0} {k0} perna. "Eu estava {k0} oxigênio por um longo tempo e eu tinha um coldre na minha coluna por meses e meses", ela diz. "Em um ponto, eu tinha barras de metal através da minha perna e tornozelo e pé."

Na escala de lesão da medula espinhal da Associação Americana de Lesões da Medula Espinal - que vai de A a E, onde A significa paralisia completa - ela foi classificada {k0} B. "Os médicos não sabiam o que a extensão da minha mobilidade seria. Eles não gostam de criar expectativas. Mas disseram que era um bom sinal que eu podia me mover os dedos do pé depois da cirurgia."

Onze anos antes, ela havia tido implantes mamários - e um deles "estourou" como resultado do acidente. "Eu não tinha ideia", diz Hatmaker. "Um cirurgião plástico veio me visitar [no hospital] e eu apenas o olhei como: 'Isso é o menos das minhas preocupações no momento.'"

T nem há imagens do acidente de Hatmaker. Às vezes os treinadores vestem uma câmera de cabeça para filmar a pessoa com quem estão pulando, mas Hatmaker mais tarde descobriu que seu treinador não era experiente o suficiente para usar uma. "Você tem que ter feito um certo número de saltos porque é um pouco mais perigoso - coisas podem ficar presas nele", ela diz.

Ela se arrepende de {k0} reação inicial no local do acidente. "Quando os paramédicos de voo chegaram perto de mim, disse: 'Se eu for paralisado, apenas me mata.'" Isso não é como ela se sente agora. "Eu conheci muitas pessoas desde então que são paralisadas e têm vidas incríveis e realizadoras. Mas na época, eu pensei, 'Não quero continuar se isso vai ser minha vida.'"

Acidentes de para-quedismo são raros e não sempre resultam {k0} lesões. De acordo com a Associação Americana de Para-quedismo, houve um corte-para fora (indicando uma falha) por 749 saltos {k0} 2024; no ano passado, houve apenas 10 fatalidades de para-quedismo civis nos EUA, o que equivale a 0,27 mortes por 100.000 saltos.

Hatmaker havia experimentado apenas um desdobramento menos que perfeito anteriormente, quando {k0} para-queda principal havia girado, mas ela sabia como corrigi-lo, realizando batidas de bicicleta no ar.

Esta vez, o problema foi mais complicado.

Todo o tempo {k0} que Hatmaker estava no hospital, ela permaneceu otimista de forma desafiadora. Ela diz que muitos dos que a visitaram estavam incrédulos com o quanto ela estava fazendo bem - tanto física quanto mentalmente.

"Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou", ela diz. Sua disposição ensolarada permanece inquebrada, e muitas das {img}s de seu tempo no hospital mostram-na sorrindo amplamente.

Ela simplesmente se recusou a acreditar que suas lesões poderiam ser alterações de vida. "Eu disse a mim mesma - e eu disse a todos os outros - desde o início que estaria de volta à ação {k0} alguns meses."

Ela também acredita {k0} fé com a incentivá-la a seguir {k0} frente depois do acidente e {k0} crença de que Deus lhe deu outra chance na vida. "Acho que Deus me manteve aqui por um propósito ... minha obra aqui na Terra ainda não estava completa. Durante tempos difíceis na recuperação, me apoiei nessa noção e isso me encorajou a continuar." Ela ainda não se arrepende de ter feito o pulo. No mínimo, ela diz, se tivesse ficado paralisada, teria sabido que havia "vivido a vida ao máximo".

Ela permaneceu deitada {k0} {k0} cama do hospital por um mês - menos tempo do que o esperado - e todos os dias ela conseguiu se mover um pouco mais os pés. Ela passou o tempo ouvindo podcasts de crimes verdadeiros, assistindo TV e conversando com suas enfermeiras. Amigos e família continuaram a visitar, mas também muitos profissionais de saúde vieram ver esta rara paciente que sobreviveu a um acidente de para-quedismo. "Eu era como um zoológico!" ela diz. Eventualmente, as enfermeiras tiveram que colocar um sinal pedindo que ela não fosse perturbada.

Hatmaker foi alta para a casa do namorado, cerca de 20 minutos de distância de {k0} própria. "Ele havia preparado um quarto para mim no porão e cuidou de mim por meses", ela diz. Ainda não tinha muito controle sobre suas pernas, mas dentro de apenas algumas semanas ela conseguiu usar um andador, depois uma cadeira de rodas.

Um time de cuidados domiciliares veio visitar e ela começou a fisioterapia. Ver-se se mover progressivamente a encorajou a acreditar que "tudo estava indo bem". Em apenas três meses após o acidente, ela conseguiu andar sem ajuda.

comentário do comentarista

Jordan Hatmaker: a história de uma sobrevivente de acidente de paraquedismo

Jordan Hatmaker soube que algo estava errado assim que tentou abrir {k0} para-quedas. "Você está suposto verificar: está lá? É quadrado? E é estável?" ela diz.

Nada disso estava certo.

Este foi o segundo pulo do dia que ela e seu treinador de para-quedismo haviam saltado de uma aeronave a 13.500 pés acima dos campos e terrenos da Virgínia, {k0} Suffolk. Hatmaker tinha 35 anos, uma para-quedista experiente, apenas dez saltos de distância de garantir {k0} licença de para-quedismo.

"Quando você está girando enquanto é puxado para o solo, é difícil saber exatamente o que está acontecendo. Eu estava {k0} meu próprio mundo. Tudo o que estava pensando era como sair da situação. Eu me senti estranhamente calma.

"Eu me lembro de ver o solo se aproximando muito rápido e pensei comigo mesma: 'Isso vai fazer mal.'"

Hatmaker sempre foi uma procuradora de emoções. "Eu sempre amei montanhas-russas, zip-lining, saltar de penhascos {k0} água, subir montanhas - tudo isso", ela diz. Remarkably, ela nunca havia se machucado sequer antes daquele dia {k0} novembro de 2024. "Eu nunca me preocupei com a segurança; eu sempre supus que tudo estaria bem."

Após se formar no colégio, ela começou a trabalhar para um contratante de defesa, vendendo

equipamentos para o exército. Ela fez seu primeiro pulo de para-quedismo com um salto tandem {k0} 2024 e imediatamente se apaixonou pelo esporte. "É um sonho há muito tempo voar - se alguém perguntasse a mim o que animal gostaria de ser, eu sempre diria um pássaro. Ser capaz de enfrentar algo tão arriscado me deu um grande senso de confiança e orgulho."

Amigos encorajaram-na a obter {k0} licença. "Isso permite que você salte sozinho, o que é muito menos caro, e você pode pular {k0} qualquer zona de queda {k0} todo o mundo. É cerca de R\$5.000 (£3.900) obter {k0} licença - e R\$3.000-5.000 comprar seu próprio equipamento - então é muito dinheiro. Mas uma vez que você tem isso, é R\$25 por salto."

Sua outra paixão é o resgate de cães, e na data do acidente, seu irmão veio junto para assisti-la a pular. "Quando ele chegou, ele disse para mim não pular porque ele achou que as vibrações estavam erradas. Eu achei que ele estava sendo ridículo." Cães não eram permitidos no hangar, então seu irmão teve que sair.

No solo, ela foi designada para um treinador com quem ela nunca havia pulado antes, mas isso não era incomum; havia muitos treinadores e para-quedistas saltariam com quem estivesse disponível. Eles passaram por "drills" - exercícios ou movimentos que eles visariam replicar durante a queda livre - depois embarcaram no avião.

O primeiro salto ocorreu sem problemas e, à medida que ascendiam pela segunda vez, Hatmaker não teve hesitação.

Ela e seu treinador pularam separadamente, como planejado, e começaram a passar por drills que haviam praticado no solo. Estava indo bem.

"Nós havíamos planejado igualar nossos níveis - então se ela flutuasse, eu deveria flutuar - e tudo estava bom." Eles continuaram {k0} queda livre por cerca de um minuto, depois se afastaram um do outro, para que pudessem ativar suas para-quedas sem risco de se enredarem juntos.

Ela e seu treinador concordaram {k0} se soltar a 4.000 pés; à medida que {k0} formação avançava, ela era capaz de implantar {k0} para-queda a altitudes cada vez mais baixas, e este foi o mais baixo que ela já havia ido.

Hatmaker ativou {k0} para-queda auxiliar - uma para-queda pequena preliminar - e imediatamente soube que algo estava errado. A força da inflação é projetada para acionar o lançamento da vela principal, mas {k0} vez disso, a para-queda auxiliar ficou enrolada {k0} {k0} perna {k0} uma falha conhecida como "horseshoe".

Ela tentou desembaraçar {k0} perna, mas estava girando e caindo a cerca de 70 mph. "Pensei, 'OK, vou remover o meu sapato' - mas não consegui porque eu havia duplamente-nó [os lacinhos]. Um sapato havia caído durante um pulo anterior e não queria que acontecesse novamente."

'Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou'

Se uma para-queda não se implantar corretamente, a para-queda de reserva é acionada automaticamente. "Eu senti que me puxava para cima e obtive o controle por alguns segundos", diz Hatmaker. Havia uma pista pavimentada abaixo que ela desesperadamente queria evitar, e durante este breve momento de estabilidade, ela se orientou {k0} direção à grama.

Em seguida, sentiu outro choque - {k0} para-queda principal finalmente "se soltou" de {k0} bolsa e inflou. Com a retrospectiva, ela diz que pode ter feito um "grande erro" aqui: ela não cortou a para-queda principal, o que teria desconectado-a do arnês (embora seja possível que ainda estivesse presa à {k0} perna de qualquer forma). Com ambas as para-quedas implantadas, houve uma falha secundária, algo que Hatmaker nunca havia ouvido falar antes, conhecido como "down plane". As para-quedas puxam-se para longe uma da outra {k0} direções opostas, linearizando o fluxo de ar, acelerando o descida do para-quedista {k0} vez de desacelerá-la.

Apesar de Hatmaker girar {k0} direção ao solo, ela diz que a ideia de que ela poderia morrer nunca cruzou {k0} mente. No máximo, ela pensou que poderia quebrar uma perna - ameaçando seus planos de escalar até o Campo Base do Everest três dias depois, um objetivo que havia sido um alvo dela por alguns anos.

Em segundos, ela fez um pouso forçado "um campo de futebol de distância de onde deveria ter estado".

A pos-pouso, Hatmaker ficou sozinha no chão. Ela se lembra do grama {k0} {k0} boca enquanto ela orava {k0} voz alta e gritava por ajuda. Seu quadril estava queimando e ela pensou que estava quebrado. Mas uma realidade maior começou a surgir. "Eu tentei me levantar e não consegui me mover abaixo da cintura. Pensei, 'Oh meu Deus, estou paralisada?'"

Demorou apenas alguns minutos para que alguns dos outros para-quedistas e o gerente da zona de queda a alcançassem, embora parecesse mais tempo. Eles estavam {k0} pânico enquanto ligavam para a ambulância.

"Eu estava no meio de lugar nenhum, então leva um bom tempo para uma ambulância chegar. Sentiu-se como para sempre. Os paramédicos cortaram minha roupa protetora e tentaram colocar-me {k0} uma prancha de transporte, mas foi o mais doloroso que você poderia sentir {k0} toda a {k0} vida." Quando um helicóptero do serviço médico de emergência chegou, ela não percebeu imediatamente que era para ela. "Pensei, 'Huh, isso é um helicóptero' - então pensei, 'Hum, isso deve ser para mim!'"

Demorou cerca de 10 minutos para chegar ao Hospital Geral de Norfolk, na Virgínia, onde seu irmão e seu namorado de quatro meses foram os primeiros a encontrá-la.

Hatmaker estava fortemente sedada quando chegou, e após cinco dias no ICU foi transferida para o andar intermediário de traumatologia. Amigos começaram a visitar. "Vendo suas reações - muitos deles choraram - pensei, 'Oh, wow, isso deve ser ruim.'" Quando {k0} mãe voou do Seattle, Hatmaker começou a perceber a gravidade da situação. Ela sabia que havia quebrado a {k0} coluna, mas apenas três semanas depois de {k0} estadia no hospital que ela percebeu a extensão total de suas lesões. Ela havia partido várias vértebras, uma das quais também havia esmagado {k0} medula espinhal. Não foi até que ela estivesse no teatro de operações que os cirurgiões descobriram que ela estava vazando líquido cerebro-espinhal, o que pode causar complicações, incluindo meningite. Além disso, ela havia atingido o solo com a {k0} perna esquerda primeiro, causando {k0} tibia para se quebrar perto do tornozelo.

Pouco depois de chegar no hospital, ela teve cirurgia extensa na coluna, seguida por duas cirurgias {k0} {k0} perna. "Eu estava {k0} oxigênio por um longo tempo e eu tinha um coldre na minha coluna por meses e meses", ela diz. "Em um ponto, eu tinha barras de metal através da minha perna e tornozelo e pé."

Na escala de lesão da medula espinhal da Associação Americana de Lesões da Medula Espinal - que vai de A a E, onde A significa paralisia completa - ela foi classificada {k0} B. "Os médicos não sabiam o que a extensão da minha mobilidade seria. Eles não gostam de criar expectativas. Mas disseram que era um bom sinal que eu podia me mover os dedos do pé depois da cirurgia."

Onze anos antes, ela havia tido implantes mamários - e um deles "estourou" como resultado do acidente. "Eu não tinha ideia", diz Hatmaker. "Um cirurgião plástico veio me visitar [no hospital] e eu apenas o olhei como: 'Isso é o menos das minhas preocupações no momento.'"

T nem há imagens do acidente de Hatmaker. Às vezes os treinadores vestem uma câmera de cabeça para filmar a pessoa com quem estão pulando, mas Hatmaker mais tarde descobriu que seu treinador não era experiente o suficiente para usar uma. "Você tem que ter feito um certo número de saltos porque é um pouco mais perigoso - coisas podem ficar presas nele", ela diz.

Ela se arrepende de {k0} reação inicial no local do acidente. "Quando os paramédicos de voo chegaram perto de mim, disse: 'Se eu for paralisado, apenas me mata.'" Isso não é como ela se sente agora. "Eu conheci muitas pessoas desde então que são paralisadas e têm vidas incríveis e realizadoras. Mas na época, eu pensei, 'Não quero continuar se isso vai ser minha vida.'"

Acidentes de para-quedismo são raros e não sempre resultam {k0} lesões. De acordo com a Associação Americana de Para-quedismo, houve um corte-para fora (indicando uma falha) por 749 saltos {k0} 2024; no ano passado, houve apenas 10 fatalidades de para-quedismo civis nos

EUA, o que equivale a 0,27 mortes por 100.000 saltos.

Hatmaker havia experimentado apenas um desdobraimento menos que perfeito anteriormente, quando {k0} para-queda principal havia girado, mas ela sabia como corrigi-lo, realizando batidas de bicicleta no ar.

Esta vez, o problema foi mais complicado.

Todo o tempo {k0} que Hatmaker estava no hospital, ela permaneceu otimista de forma desafiadora. Ela diz que muitos dos que a visitaram estavam incrédulos com o quanto ela estava fazendo bem - tanto física quanto mentalmente.

"Eu acho que ter uma visão positiva e atitude realmente ajudou", ela diz. Sua disposição ensolarada permanece inquebrada, e muitas das {img}s de seu tempo no hospital mostram-na sorrindo amplamente.

Ela simplesmente se recusou a acreditar que suas lesões poderiam ser alterações de vida. "Eu disse a mim mesma - e eu disse a todos os outros - desde o início que estaria de volta à ação {k0} alguns meses."

Ela também credita {k0} fé com a incentivá-la a seguir {k0} frente depois do acidente e {k0} crença de que Deus lhe deu outra chance na vida. "Acho que Deus me manteve aqui por um propósito ... minha obra aqui na Terra ainda não estava completa. Durante tempos difíceis na recuperação, me apoiei nessa noção e isso me encorajou a continuar." Ela ainda não se arrepende de ter feito o pulo. No mínimo, ela diz, se tivesse ficado paralisada, teria sabido que havia "vivido a vida ao máximo".

Ela permaneceu deitada {k0} {k0} cama do hospital por um mês - menos tempo do que o esperado - e todos os dias ela conseguiu se mover um pouco mais os pés. Ela passou o tempo ouvindo podcasts de crimes verdadeiros, assistindo TV e conversando com suas enfermeiras.

Amigos e família continuaram a visitar, mas também muitos profissionais de saúde vieram ver esta rara paciente que sobreviveu a um acidente de para-queda. "Eu era como um zoológico!" ela diz. Eventualmente, as enfermeiras tiveram que colocar um sinal pedindo que ela não fosse perturbada.

Hatmaker foi alta para a casa do namorado, cerca de 20 minutos de distância de {k0} própria. "Ele havia preparado um quarto para mim no porão e cuidou de mim por meses", ela diz. Ainda não tinha muito controle sobre suas pernas, mas dentro de apenas algumas semanas ela conseguiu usar um andador, depois uma cadeira de rodas.

Um time de cuidados domiciliares veio visitar e ela começou a fisioterapia. Ver-se se mover progressivamente a encorajou a acreditar que "tudo estava indo bem". Em apenas três meses após o acidente, ela conseguiu andar sem ajuda.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - symphonyinn.com

Data de lançamento de: 2024-08-10

Referências Bibliográficas:

1. [aposta real madrid x liverpool](#)
2. [betano app baixar](#)
3. [betano melhores slots](#)
4. [infinite black jack](#)